

Pelas polémicas contas do psiquiatra Afonso de Albuquerque, um grande "exército" de cerca de cem mil portugueses espalhados por todo o país — nas cidades, vilas e aldeias, em cada bairro e quase em todas as famílias — continua hoje a viver a guerra em África. É quase uma inteira geração de homens, hoje nas idades dos 40 e 50 anos, que mantêm com maior ou menor consciência o peso e o sofrimento do passado.

O tempo do fogo real acabou há muito da parte portuguesa, mas sob o pano dos 14 anos de combate nas matas de Angola, da Guiné e de Moçambique, revela-se cada vez mais uma doença que parecia invenção dos americanos mais a sua guerra do Vietname: uma ansiedade permanente para que arrastam as suas mulhe-

A morte de um companheiro surge muito associada ao sentimento de culpa, desespero e medo. Uma situação frequente a das minas. Em que se sente 'eu não morri, mas podia ter morrido', 'morreu o meu amigo, não morri eu'. Ou as emboscadas, que muitas vezes provocavam mortos e feridos.

res e os seus filhos, em que se comprometem as relações com os outros e com o trabalho.

Depois de um exaustivo trabalho com o enorme contingente de veteranos norte-americanos, só em 1980 a psiquiatria lhe deu o nome actual — Distúrbio Pós-Traumático do Stress de Guerra (PTSD, do inglês) — registando o progresso no diagnóstico daquela estranha enfermidade que, já em 1871, um médico assinalava: o "coração irritável" de um soldado que saía arrasado da guerra civil americana.

O chefe de serviço de Psiquiatria do Hospital Júlio de Matos, em Lisboa, não tem quaisquer dúvidas de que a encontrou muito desenvolvida entre os ex-combatentes portugueses. Após cinco anos de acompanhamento e tratamento de quatro dezenas de voluntários, com a

colaboração da Associação de Deficientes das Forças Armadas (ADFA), a equipa de Afonso de Albuquerque fez um primeiro retrato de um problema que continua escondido na nebulosa consciência pública do país. Até porque a principal característica da doença, e talvez a principal razão para o seu agravamento, será justamente não se falar dela.

Como psiquiatra, Afonso de Albuquerque realça a instabilidade e o desinvestimento emocional destes homens, metade dos quais nunca tivera qualquer problema de ordem psíquica antes de ir para África: "São pessoas que se fecham, não falam de si, defendem-se das emoções." A intervenção médica, mesmo para os que escolheram entrar individualmente ou em grupos no tratamento, é sempre difícil. "Há uma enorme resistência. Eles próprios têm dificuldade em aceitar que estão doentes." Por isso também sofre a família, se estes não vivem na mais completa solidão: "As famílias destes homens são quase todas perturbadas, até porque a sua capacidade laboral está diminuída ou completamente inexistente", continua o psiquiatra. "Temos um estudo com famílias que mostra que estas têm um elevado conflito material e de alteração do comportamento dos filhos."

O "stress" de guerra é o resultado de um contacto prolongado com situações em que a ansiedade foi levada a um extremo. Uma dura exposição dos homens ao perigo e aos momentos reais em que viram, sofreram ou provocaram cenas de grande violência. Depois de uma fase aguda que dura cerca de seis meses, a situação pode resolver-se de forma quase espontânea, uma remissão. Ou então degenerar numa fase crónica.

No estudo de Afonso de Albuquerque chegou-se à conclusão que a situação traumática mais comum entre os seus doentes foi a morte de um companheiro. É algo que se encontra em cerca de 62 por cento dos casos. "A morte de um companheiro surge muito associada ao sentimento de culpa, desespero e medo. Uma situação frequente era a das minas. Em que se sente 'eu não morri, mas podia ter morrido', 'morreu o meu amigo, não morri eu'. Ou as emboscadas, que muitas vezes provocavam mortos e feridos. Era uma perda participada, não era uma perda à distância."

Numa lista que compreende também a fome e a sede, os acidentes, o isolamento, a morte de um inimigo, de mulheres e crianças, a participação em tortura, assassinio e violação, surgem logo a seguir a vivência de uma situação de combate e o ter sofrido um ferimento.

>> São coisas de que os ex-combatentes têm memórias muito vivas, mas que lhes custa muito recordar conscientemente. Quem sofre de Distúrbio Pós-Traumático do Stress de Guerra tem com frequência, no entanto, reacções involuntárias a estímulos, como a resposta rápida a ruídos semelhantes aos vividos em combate. Para outra característica isolada pode-se utilizar um termo cinematográfico: o "flash back". Subitamente, vê-se o doente a rever uma cena passada há anos como se tal fosse inteiramente real. E, também, a recorrência dos pesadelos, que deriva variadas vezes na dependência do álcool e drogas e numa incapacidade para dormir sem a ingestão de comprimidos psicotrópicos. Junte-se-lhe uma taxa elevada de racismo: "É quase visceral nalguns deles. Temos alguns que dizem que se viressem um preto

Os americanos tiveram um número total de 2,8 milhões de homens envolvidos no Vietname, dos quais 500 mil sofreram agora de problemas crónicos. Portugal, com 1,4 milhões de soldados na guerra, terá uma taxa de homens com problemas psíquicos sete vezes superior à dos americanos.

passam para o outro lado da rua. Mas não sabem explicar porquê."

O tratamento continuado, no Hospital Júlio de Matos, consiste em sessões semanais de psicoterapia durante seis meses, cada uma com uma duração de cerca de uma hora. No caso dos grupos, normalmente de oito a dez elementos, as sessões duram hora e meia. O método é psicologicamente arrasador nas primeiras semanas, explicando-se assim que pelo menos um terço dos voluntários desista. Mas a taxa de 70 por cento de melhorias que Afonso de Albuquerque reclama para os que continuaram parece dar razão ao tratamento: "O nosso processo terapêutico consiste em rever a própria situação traumática. Eles evitam o mais possível tudo o que lhes recorda o que passaram — filmes, fotografias, etc. No nosso entender, essa

é a principal razão para continuarem doentes. Quem partilhou com os outros a sua experiência, e o mais cedo possível, estará provavelmente muito melhor." Passada esta primeira fase, entram no grupo do chamado "Aqui e Agora", no qual se procuram as soluções dos problemas actuais de cada um.

Para a estimativa de 100 mil portugueses doentes, o psiquiatra fez uma extrapolação quase directa dos dados retirados do Vietname. Esta guerra de nove anos, onde faleceram cerca de 50 mil norte-americanos, foi também a primeira na história em que entrou em força um contingente de médicos e psicólogos. No campo, estes começaram a isolar os factores de uma doença que, ainda na Segunda Guerra Mundial, era facilmente catalogada como cobardia. Em particular nos casos frequentes de recusa do soldado em voltar à frente de batalha.

Os americanos tiveram um número total de 2,8 milhões de homens envolvidos. Um milhão entrou em combate e cerca de 500 mil sofreram agora de problemas psicológicos crónicos. Portugal, que teve cerca de 1,4 milhões de homens envolvidos na guerra (Afonso de Albuquerque pega numa base de apenas 800 mil), com um contingente permanente de mais de 100 mil homens destacados, terá tido 280 mil soldados em situação de combate, defende o psiquiatra. Em simples termos matemáticos, a extrapolação dará um total de entre 100 mil a 140 mil portugueses com problemas psíquicos. Feitas bem as contas, se isto for verdade, a taxa portuguesa alcançará quase 1,4 da população total. Nada mais nada menos que sete vezes superior à dos norte-americanos...

A tese do psiquiatra assenta ainda numa comparação directa entre o combate colonial português e o Vietname. Isto particularmente no caso da Guiné, onde a intensidade dos combates era enorme, num clima tropical. Uma "guerra de guerrilha" em que não haveria uma linha da frente "perfeitamente identificada". Uma guerra em países longínquos mantida por objectivos políticos com que muitos não se identificavam. Uma guerra em que o contacto violento era a maioria das vezes feito com uma população civil de camponeses analfabetos.

A "desfavor" dos portugueses, comparando com os americanos, está a comissão de um mínimo de dois anos (com os norte-americanos seria um ano, em média) partida por um mês de férias que nem sempre era utilizado para sair completamente da zona de combate. A "favor", o facto de os portugueses estarem integrados desde a instrução numa

>> unidade em que todos se conheciam, enquanto os norte-americanos praticavam a rendição individual.

O quadro de Afonso de Albuquerque é, no entanto, encarado com sérias reservas científicas e práticas por parte de muitos especialistas militares. A começar pela comparação com a guerra do Vietname e pelo próprio conceito clínico de PTSD que vários psiquiatras não aceitam, mesmo nos Estados Unidos da América.

Angola e Moçambique, por exemplo, teriam, à data do conflito com os portugueses, uma densidade populacional cerca 30 vezes inferior à do Vietname. Isto reduz à partida, e consideravelmente, as probabilidades de contacto das tropas e do número de soldados com os guerrilheiros e

Os jovens portugueses que fizeram a guerra aí estão na meia idade. E em sofrimento. José Arruda (ADFA) diz que a situação que muitos vivem é consequência do esquecimento pós-25 de Abril: "Todo o que falasse nisso era 'reaccionário.' Neste momento, começa a levantar-se este tabu."

com a própria população civil. O clima é também completamente diferente.

A aproximação com a Guiné, um país do tamanho do Alentejo e de clima tropical, pode ser vista com menos reservas. De facto, dos 8831 mortos registados entre 1961 e 1975 — segundo os números do Estado-Maior-General das Forças Armadas —, quase um terço foi na Guiné. E aí a luta pela libertação do PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné Bissau e Cabo Verde) apenas começou a 23 de Janeiro de 1963, quando guerrilheiros atacaram a guarnição portuguesa de Tite, no Sul do país. Dois anos após o ataque do MPLA (Movimento Popular para a Libertação de Angola) em Luanda contra duas prisões e o quartel da polícia portuguesa, que daria início à guerra colonial.

Em termos gerais, apenas 4280 (48,5 por cento) homens foram dados como mortos em combate, ainda segundo as estatísticas cas-

trems. No final da guerra contaram-se cerca de 30 mil feridos.

Hoje, muitos destes homens pertencem à Associação dos Deficientes das Forças Armadas, fundada em Maio de 1974 para defender os mutilados de guerra. Isto é, exigir do Estado — como em 1976 ficaria em letra de forma por decreto da Assembleia da República — a reparação "moral e material" daqueles que fecharam o Império com as suas mazelas. Hoje tem 13 mil sócios efectivos e três mil pendentes — os casos não resolvidos da guerra e deficientes mais recentes.

José Arruda, o presidente da Associação, comunga das dúvidas levantadas à estimativa do psiquiatra Afonso de Albuquerque, os tais cem mil homens que sofrem de PTSD. "Ninguém pode especular, ainda estamos no campo da investigação", diz. E mais directamente: "Ninguém pode extrapolar esse número da guerra do Vietname."

O problema existe, mas é muito delicado. A própria ADFA, além da colaboração iniciada com o Hospital Júlio de Matos, mantém há anos um grupo em permanência na sede com dez homens, acompanhados por psiquiatra e psicólogo. Mas para se reconhecer a incapacidade psíquica, que pode levar o Estado a conceder pensões, a estrutura militar exige uma série de passos. Por exemplo, a prova provada, por exame médico e testemunhas, de que o doente está mesmo numa ansiedade permanente que o incapacita. Que a situação descrita antigamente como "fadiga de combate" se transformou num caso crónico. Que o ex-combatente esteve pelo menos seis meses em zona perigosa de combate. Caso se prove que os problemas psicológicos vinham de antes da guerra, será também possível chegar-se à invalidez, caso tenha sido a guerra a agravá-los.

À semelhança da incapacidade que dá direito a pensão é de 30 por cento. Diz também José Arruda que na ADFA há cerca de 200 sócios a quem esta foi reconhecida, através dos serviços psiquiátricos do Hospital Militar.

Serão cem mil, menos, ou muito menos. Melhor ou pior, os jovens portugueses que fizeram a guerra aí estão na meia idade. E em sofrimento. "A nossa associação é frontalmente contra a guerra", diz José Arruda. Mas acrescenta que a situação que muitos vivem é consequência do estranho esquecimento da guerra em África que se instaurou a seguir ao 25 de Abril: "Ninguém se reunia, todo o que falasse nisso era 'reaccionário.' Neste momento, começa a levantar-se este tabu." ●